

ra — e ao mesmo tempo parecia uma criança indefesa. Um verdadeiro pária, mas com a desesperada bravura dum rato perseguido.

— De todos os modos, que bela carreira para a sua idade! — murmurou Clifford, pensativo.

— Tenho trinta anos, sim, trinta anos — murmurou Michaelis com um riso singular, riso oco, triunfante, amargo.

— E vive só?

— Que quer dizer com isso? Se vivo só?... Não; tenho o meu criado. É, ao que diz, grego — e bem inábil. Mesmo assim o conservo. E também vou casar-me — sim, preciso casar-me...

— Fala de casar-se como se fala de extirpar as amígdalas — riu-se Constance. — Será por acaso coisa assim difícil?

Mick olhou-a com admiração.

— Sim, Lady Chatterley, é difícil, imagino... Acho, perdoe-me, que não poderia casar-me com uma inglesa, nem com uma irlandesa.

— Por que não experimenta a americana? — perguntou Clifford.

— Oh, americana! e Mick sorriu o seu sorriso oco. Já falei ao meu criado que me arranje uma turca, ou qualquer coisa bem oriental.

Constance estava surpreendida da tristeza daquele homem de extraordinário sucesso; atribuía-lhe uma renda de 50 mil dólares só na América. Por momentos ele lhe parecia belo — quando olhava de soslaio: se baixava a cabeça, a luz caía sobre seu rosto, lembrando uma máscara negra de marfim esculpido, com olhos um tanto salientes, lábios apertados. Algo velho, algo de imemorialmente submetido à raça. Revelaram-se nele séculos de submissão ao destino da raça, em vez de qualquer coisa individual. Além disso, lembrava alguma coisa nadando de lado — como ratos num rio escuro.

Constance sentiu um estranho impulso de simpatia, mas misturado de compaixão e asco — quase um impulso de amor. O homem de outra classe! Consideravam-no um fronteiro — mas quanto mais fronteiro e presunçoso lhe parecia Clifford? E quanto mais estúpido...

Michaelis percebeu imediatamente que fizera impressão na moça. Olhou-a com abandono. Estava a avaliá-la, e à impressão que lhe causara. Entre os ingleses nada o livraria de ser eternamente um pária — nem mesmo o amor. Entretanto, as mulheres a ele se entregavam às vezes. Até inglesas.

Michaelis compreendia perfeitamente a sua situação diante de Clifford. Eram dois cães de raças diferentes que em vez de se atracarem se viam forçados a gentilezas. Mas da sua situação diante daquela mulher Mick não se sentia seguro.

O almoço matutino foi servido nos quartos, Clifford nunca aparecia antes do lanche. Na triste sala de jantar, depois do café, Michaelis, inquieto e incerto, perguntou a si próprio o que poderia fazer. Estava um dia formoso — formoso para Wragby. Seus olhos melancólicos caíram no parque. Deus do céu! Que lugar...

Mandou por um criado saber de Lady Chatterley se poderia servi-la nalguma coisa — com o pensamento de levá-la de carro até Sheffield. Veio a resposta: Lady Chatterley esperava-o na saleta.

Michaelis sentiu-se lisonjeado daquela intimidade. Foi. Viu lá reproduções de quadros de Cézanne e Renoir.

— Muito agradável aqui! — exclamou com aquele sorriso que lhe descobria os dentes, um sorriso forçado. — A senhora tem razão em viver nos altos da casa.

— Acha? — murmurou Constance.

Aquela saleta era a única parte alegre e moderna do solar, único ponto em que alguma coisa da personalidade de Constance se revelava. Clifford jamais a vira e muito pouca gente Connie recebia lá.

Sentaram-se defronte da lareira e puseram-se a conversar. Ela o interrogou sobre sua mãe, seu pai, seus irmãos; quando sentia simpatia por alguém, Lady Chatterley punha de lado todas as convenções. Michaelis falou de si mesmo com muita franqueza, sem afetação nenhuma, revelando com simplicidade sua alma indiferente e amarga de cão sem dono, com intervalos relâmpagos de orgulho — o orgulho do êxito.

— Mas por que vive assim tão solitário? — perguntou Constance.

Ele a mirou com aqueles olhos salientes, cor de avelã.